

★ TEATRO NEGRO: DENÚNCIAS E ANÚNCIOS DE UM MUNDO INACABADO

Licko Turle

Licko Turle é licenciado em Teatro pela Universidade Santo Amaro (Unisa) e Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mestre e doutor em Artes Cênicas pela UNIRIO, com estágio de pós-doutorado. Em 1983, iniciou suas atividades profissionais no Rio de Janeiro. Com Augusto Boal, em 1986, fundou o Centro de Teatro do Oprimido no Brasil e, em 1992, o Teatro Legislativo na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro. Em 1998, com Amir Haddad, criou o Instituto Tã Na Rua para Artes, Educação e Cidadania. Em 2019, em Salvador, com Fernanda Julia Onisajé codirigiu *Pele negra, máscaras brancas* e criaram, com artistas e pesquisadores pretos, a Pele Negra – Escola de Teatro(s) Preto(s). Pesquisador, ator e diretor teatral criou, também, o Grupo de Estudos de Teatro do Oprimido (Gesto/ CNPq). Foi professor visitante do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição em que é professor da Licenciatura em Teatro. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas ABRACE) e da Rede Brasileira de Teatro de Rua. Recebeu os prêmios Procena-RJ/ 2001, Artes Cênicas na Rua/ 2009, Interações Estéticas/ 2010, Arte Negra/ 2013 e Rumos Itaú Cultural/ 2014. Autor e organizador de livros sobre Teatros Negros, Teatro do Oprimido e Teatros de Rua.

Resumo: O artigo busca relatar a experiência realizada como professor visitante do Programa de Pós-Graduação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia no período de 2017 a 2019 e seus desdobramentos em ações concretas e continuadas no campo dos Estudos em Teatro(s) Negro(s), que se estenderam até o ano de 2019, com a montagem teatral de *Pele negra, máscaras brancas* e a criação da Pele Negra – Escola de Teatro(s) Preto(s) – modalidade à distância – na cidade de Salvador, Bahia.

Palavras-chave: estudos em Teatro Negro; pele negra; Escola de Teatro(s) Preto(s).

BLACK THEATER: DENUNCIATIONS AND ANNOUNCEMENTS FOR AN UNFINISHED WORLD

Abstract: The article seeks to report the experience carried out as a visiting professor of the Graduate Program of the Theater School of the Federal University of Bahia in the period 2017-2019 and its derivations in concrete and continuous actions in the field of Studies in Theater(s). Black(s) that lasted until 2022 with the theatrical production of *Pele Negra, Máscaras Brancas* and the creation of Pele Negra – Escola de Teatro(s) Preto(s), in virtual mode, in the city of Salvador, Bahia.

Keywords: Studies in Black Theater; Black skin; School of Theater(s) Black(s).

1. Estudos em Teatro Negro (TN)

Em fevereiro de 2017 participei, como conferencista convidado, do I Fórum Negro das Artes Cênicas na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e acompanhei os debates públicos acerca da necessidade urgente da presença de referenciais africanos e afro-diaspóricos nas artes cênicas, incluindo a diversidade teórico-conceitual, a presença de novas epistemologias e abordagens metodológicas, dentre outros desdobramentos que geraram como documento final a Carta de Salvador. Poucos meses depois, apresentei minha candidatura a uma vaga de professor visitante ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA, submetendo o plano de trabalho Estudos em Teatro Negro¹, que visava, consoante com as políticas públicas afirmativas, atender a legítima demanda criada por artistas e companhias negras brasileiras contemporâneas, que reivindicam a inclusão do Teatro Negro (TN) no ensino, pesquisa e extensão naquela instituição, desde a realização do I Fórum Nacional de Performance Negra² – FNPN – que, para seus organizadores,

[...] é parte de uma linha histórica que antecede o século XIX e passa pelas iniciativas dos anos 1940 e 1960, marcadas pela presença do Teatro Experimental do Negro/ TEN, criado por Abdias do Nascimento; do Teatro Popular Brasileiro, fundado por Solano Trindade; do grupo Brasileira, dirigido por Haroldo Costa; e, do Teatro Profissional do Negro/ TEPRON, de Ubirajara Fidalgo. [...] Esses grupos e companhias têm se constituído como principal espaço de formação de atrizes, atores e técnicos negros, possibilitando-lhes o domínio do ofício, por meio do autoconhecimento e do aprimoramento técnico, necessários ao bom desempenho de qualquer profissional (MELLO; BAIRROS, 2009a, p. 8-9).

Para a pesquisadora Evani Tavares, uma das organizadoras do I Fórum Nacional de Artes

Cênicas, as várias edições do FNPN se constituíram no “Novo Movimento do Teatro Negro no Brasil” (aspas do autor) do qual vêm resultando proposições, contribuições e construções inovadoras de estratégias de intervenção e atuação nas artes cênicas brasileiras que visam a definitiva incorporação dos Teatro(s) Negro(s) como uma das expressões do teatro brasileiro. Tudo isso incentiva as instituições oficiais de educação e cultura a acompanharem, seja por meio da abertura de editais, prêmios ou realização de encontros, seminários etc., a movimentação política de artistas, produtores e pesquisadores negros que se organizam e se comunicam por meio de redes e grupos de discussões locais e nacionais. Apesar da relevância e urgência destas proposições, a participação dos TN na academia ainda é ínfima.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou compreender as questões históricas, teóricas e conceituais sobre o assunto, no ensino e na formação dos profissionais das artes cênicas que atuam ou venham a atuar com/ nos TN, seja em espaços fechados, abertos e/ ou nas comunidades; e, também, dar divulgação, difusão e embasamento científico a metodologias, técnicas, pedagogias e linguagens desenvolvidas no âmbito dos TN, tanto por grupos e companhias negras e seus experimentos cênicos, quanto por pesquisas acadêmicas.

Para a sua consecução, foram realizadas atividades de ensino (docência nos cursos de graduação e pós-graduação), pesquisa (elaboração, produção e apresentação de trabalhos científicos, levantamento bibliográfico, organização de eventos etc.) e extensão, com a montagem e apresentação pública do espetáculo *Pele Negra, Máscaras Brancas*, no projeto Companhia de Teatro da ETUFBA – Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

Com base na premissa de que os TN são um campo de investigação cênico-político-social em construção e que as suas formas próprias de criar, aprender e compartilhar constituem importantes objetos de pesquisa acadêmica na contemporaneidade, buscou-se investigar como se dá a inserção

das epistemologias, poéticas, estéticas e filosofias africanas, negro-brasileiras e diaspóricas no ensino e na pesquisa, observando o alinhamento do currículo dos cursos de artes cênicas da UFBA aos princípios da legislação educacional e das políticas afirmativas relacionadas ao tema da negritude.

Buscou-se, ainda, oferecer a discentes da universidade uma bibliografia básica sobre as artes cênicas africanas, negro-brasileiras e diaspóricas; realizar experiências cênicas; colaborar na construção de um acervo audiovisual sobre a história e memória do Teatro Negro contemporâneo, via internet; contribuir para a efetivação e aprimoramento de eventos científicos e artísticos que abarcassem temáticas negras; identificar e estabelecer possíveis parcerias nos âmbitos interno e externo da universidade, no campo das relações étnico-raciais; acompanhar e auxiliar as pesquisas de mestrado e doutorado sobre o TN, desenvolvidas no país e no exterior; cooperar no desenvolvimento de componentes curriculares que abordem o *Teatro de Diáspora Afrodescendente*; trabalhar para a consolidação, no currículo dos cursos de graduação em artes cênicas, de estudos teórico-práticos em TN; sugerir a aquisição de materiais de referência sobre as artes cênicas negras; incentivar a inclusão dos saberes dos mestres das tradições populares, africanas, diaspóricas e negro-brasileiras no conteúdo programático dos cursos de artes cênicas; contribuir na discussão da criação da Linha de Pesquisa *Práticas e Poéticas Étnico-Raciais nas Artes Cênicas*, no PPGAC da UFBA, proposta na Carta de Salvador, do I Fórum Nacional de Artes Cênicas, ocorrido em fevereiro de 2017.

Partindo do pressuposto de que a universidade é lugar de confronto de ideias e pensamentos e, sobretudo, de construção de novos espaços do conhecimento neste momento histórico do Brasil e do mundo, torna-se imperativo que ela seja invadida e ocupada por novos saberes, outros autores e interlocutores, permitindo-se enriquecer, diversificando, reinventando a si própria. A universidade (e todas as instituições de ensino superior e técnico

profissionalizantes) deve buscar estratégias operacionalmente viáveis e socialmente significativas para a superação dos impactos negativos decorrentes de uma educação historicamente pautada em profundas desigualdades raciais, enraizadas no seio de universidades e ensino no Brasil.

A Lei n.º 10.639/2003 (alterada posteriormente pela Lei n.º 11.645/2008), que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas de educação básica, não excluiu o compromisso da universidade com essa legislação e as políticas afirmativas em vigência. Ao contrário, estimulou a inclusão de conteúdos sobre as culturas negras nas matrizes curriculares de licenciaturas e bacharelados, se interpretarmos os artigos 43 e 52 da LBD 9.394/1996, em seu Capítulo IV – Educação Superior, sob esse ângulo:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

[...]

IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

[...]

Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por:

I – produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional;

[...] (LBD 9.394/1996).

A implementação no ensino, pesquisa e extensão dos conteúdos dos TN nas Artes Cênicas provoca fricções teóricas e metodológicas e demandas à escola e aos programas, ajustes e adequações necessárias para sua consecução, trazendo, ainda, questões epistemológicas complexas, tais como:

os TN são uma modalidade teatral? Um campo de conhecimento? Quais são as principais características dos TN? Qual é o seu lugar na historiografia do teatro brasileiro? Como ensinar TN em um espaço tradicionalmente ocupado pelo teatro eurocêntrico? Logo, cabe à universidade promover espaços para tais investigações.

Dentre as pesquisas pioneiras no campo do Teatro Negro destaca-se a da Prof.^a Dr.^a Miriam Garcia Mendes, que em seu livro *O negro no teatro brasileiro (1889-1982)* demonstra como o racismo foi cultivado e reforçado por autores, atores e diretores teatrais (MENDES, 1993). Rodrigo Moreira Pádova, em seu trabalho intitulado *Pela porta de serviço da cultura: negro e performance na televisão brasileira* (PÁDOVA, 2003), nos mostra que modelos literários/dramáticos e seus estereótipos foram transferidos pela cultura de massa aos programas de TV. Quando surgem personagens negros com destaque, são interpretadas por atores brancos como Sérgio Cardoso em *A cabana do Pai Tomás*, em 1969 (utilizando *black face*), ou Sônia Braga no papel da mulata *Gabriela*, em 1975 e Lucélia Santos como a *Escrava Isaura*, em 1976.

Corroborando Mendes, a pesquisadora Leda Martins afirma que o processo de *invisibilidade e a indizibilidade* da personagem negra, aos poucos, se consolida.

Invisível, porque percebida e elaborada pelo olhar do branco (dramaturgo, ator, diretor, produtor), através de uma série de marcas discursivas estereotipadas, que negam sua individualidade e diferença; indizível, porque a ala que a constitui gera-se à sua revelia, reduzindo-a a um corpo e a uma voz alienantes, convencionalizados pela tradição teatral brasileira (MARTINS, 1995, p. 78).

Ao analisar os TN no Brasil e EUA na obra *A cena em sombras*, a autora ressalta os elementos operacionais da cultura negra nas Américas e os modos do pensamento artístico e teórico africanos, entendendo que os TN incorporam ao seu

enunciado três elementos constantes: a lembrança da cultura africana; a história da escravidão e do racismo e a desconstrução de imagens perversas do negro, não obstante, em meio a um componente lúdico que faz do espectador, coprodutor de um discurso comunitário (MARTINS, 1995).

O Teatro Experimental do Negro, o TEN, dirigido por Abdias do Nascimento, foi uma experiência artística que merece destaque. Em *Drama para Negros e Prólogo para Brancos*, explica os seus objetivos:

No Brasil a bandeira da Negritude foi empunhada pelo teatro Experimental do Negro desde a sua fundação, em 1944. Quer no plano artístico, quer no campo social, o Teatro Experimental do Negro vem procurando restaurar, valorizar e exaltar a contribuição dos africanos à formação brasileira, desmascarando a ideologia da branquitude que implantou entre nós uma situação tal que, na expressão sartriana, “desde que abre a boca, ele – o negro – se acusa”, a menos que se encarnice em derrubar a hierarquia, representada pelo colonizador europeu e seu processo civilizatório (NASCIMENTO, 1961, p. 59).

Nos anos 1990 surgem novas experiências como a do Bando de Teatro do Olodum, em Salvador, Bahia. O grupo desenvolveu uma trilogia sobre o bairro do Pelourinho. Três textos: *Essa é nossa praia*; *Ó Pai, Ó!* e *Bai, Bai, Pelô* constroem uma dramaturgia singular, com características e temática da negritude baiana (MEIRELLES; BANDO DE TEATRO DO OLODUM, 1995). O texto de abertura do programa da peça *Cabaré da Rrrrrraça* (1997) faz uma alusão ao bloco afro *Ilê Ayê*, que saiu pela primeira vez em 1973 às ruas de Salvador, segundo o grupo, “mudando o Brasil”. Esse espetáculo ataca em linguagem direta, nua e crua, o racismo e a visão estereotipada acerca do negro brasileiro como consumidor, objeto sexual, subalterno, dentre outras imagens negativas.

No Rio de Janeiro, a Cia. Étnica de Dança e Teatro, dirigida por Carmem Luz, a Companhia

Black'N'Preto, dirigida por Luís Pilar, e a Companhia dos Comuns, coordenada por Hilton Cobra, procuraram em certa medida manter vivos os ideais do Teatro Experimental do Negro (TEN) e de Abdias do Nascimento. Esta última, nos anos 2005, 2006, 2009 e 2015, realizou, em parceria com o Bando de Teatro do Olodum, quatro edições do Fórum Nacional da Performance Negra, em Salvador.

O I Fórum Negro de Artes Cênicas, realizado nas dependências da Escola de Teatro da UFBA, entre 13 e 17 de fevereiro de 2017, foi a continuação ou a versão acadêmica do Fórum Nacional de Performance Negra e a sua Carta afirma:

Nesses dias, reuniram-se docentes e discentes internos e externos, artistas e pesquisadores/as com o objetivo de refletir sobre o ensino, a pesquisa e a extensão em artes cênicas e formular propostas para a revisão dos currículos que não contemplam as epistemologias, as poéticas, as estéticas e as filosofias africanas, negro-brasileiras e diaspóricas em seus paradigmas curriculares (Carta do I FNAC, ETUFBA, 2017).

O documento, apresentado à Direção da Escola de Teatro e à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/ Universidade Federal da Bahia, estabeleceu 16 propostas explicitando o desejo de “viabilizar a inserção de epistemes africanas, diaspóricas e negro-brasileiras na pesquisa, ensino e extensão nas artes cênicas na UFBA”. Dessas, algumas são de ordem administrativa e é evidente que, para a sua implementação, são necessários recursos humanos e financeiros; outras têm caráter pedagógico e dependiam somente de aprovação do colegiado pleno; logo, a maioria delas pode ser desenvolvida, ao menos, em seus estágios iniciais.

A importância de investigar os TN associa-se, hoje, a um caráter mesmo de urgência, porque representa uma ruptura ética e estética com a cultura hegemônica e o teatro que a identifica. Compreender a poética negra, como essa se apropria de certas

convenções europeias, modificando-as, contudo, por meio de uma sintaxe africana, é fundamental para o desenvolvimento dos TN brasileiros. Justifica-se, ainda, devido ao seu crescimento, participação e ocupação dos espaços político-culturais e pela disputa legítima por financiamento e fomento às artes nas últimas décadas. Essa ocupação de espaços diversos irá se estender ao campo de produção do conhecimento e das novas tecnologias, à formação do ator e ao ensino do teatro nas escolas oficiais, interferindo, também, na dimensão ético-estética da arte na contemporaneidade.

A pesquisa no campo dos TN pode vir a contribuir, também, para a consolidação do Projeto Pedagógico dos cursos de licenciatura em Teatro e bacharelado em Artes Cênicas das escolas de teatro, por meio da reflexão, criação e incorporação de ementas que contemplem de modo significativo um tema de grande importância para o teatro brasileiro do século XXI. Cabe, portanto, a nós pesquisadores negros e negras acompanharmos de perto e contribuirmos para a elucidação desse fenômeno que vem se consolidando nas últimas décadas e que, acreditamos, aponta para um pensamento teatral contemporâneo, capaz de subsidiar uma ética em que a arte seja produzida e fruída por todo o conjunto da sociedade brasileira.

Para alcançar os objetivos e ações propostas, foi necessária uma abordagem de natureza qualitativa, que consistiu nos seguintes procedimentos: revisão bibliográfica da literatura específica sobre TN; leitura e análise de textos e outros materiais documentais que abordam questões dos TN contemporâneos, teorias da performance e dos teatros africano e negro-brasileiro, no intuito de compreender os princípios subjacentes ao fenômeno estudado, situando-o num contexto social e político mais amplo; elaboração de textos sobre os TN, a serem apresentados em eventos científicos.

Também se fez necessária a busca de catálogos digitais de materiais documentais (livros, revistas, periódicos, artigos, cartazes, fotos, vídeos etc.) sobre os TN, além da produção de novos materiais

a partir do uso das TDIC – Tecnologias de Dados da Informação e da Comunicação, por meio dos Estudos em Teatro Negro (ETN), via internet, alcançando o Brasil e o mundo. Dessa forma, realizamos o registro audiovisual de grupos, companhias e artistas negros e negras; de manifestações artísticas de caráter popular (danças dramáticas, folguedos etc.) com origem nas culturas negras; das entrevistas com artistas e pesquisadores negros e negros das Artes Cênicas; dos processos de criação cênica e laboratório de dramaturgia sobre os TN, como a montagem de *Pele negra, máscaras brancas*, a partir do livro homônimo de Franz Fanon (1975), com alunas e alunos, técnicos e técnicas; mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos, professores e professoras pretas e pretos da universidade e da comunidade soteropolitana.

Os docentes e discentes internos e externos, artistas e pesquisadores/as que se reuniram entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 2017 durante o I Fórum Negro das Artes Cênicas exprimiram suas expectativas:

Deseja-se viabilizar a inserção de epistemes africanas, diaspóricas e negro-brasileiras na pesquisa, ensino e extensão nas artes cênicas e, do mesmo modo, espera-se que a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia – UFBA não perca a oportunidade de ser também uma protagonista na revisão dos lugares comuns e dos estereótipos que, equivocadamente, foram construídos a partir dos fazeres negro-brasileiros, africanos e diaspóricos. Salvador, 17 de fevereiro de 2017 (Carta do IFNAC da ETUFBA, 2017).

Com base nas reflexões que daí emergiram, provocar uma mudança dos paradigmas e parâmetros do pensamento da cultura dominante – que elegeu como padrão para o teatro ocidental a herança grega em detrimento de outras experiências teatrais – se faz necessária, de tal forma que cursos e escolas oficiais de teatro passem a oferecer disciplinas, oficinas e eventos acadêmicos que con-

templem os TN. Para isso, espera-se o aumento do número de novos pesquisadores a dedicar suas investigações no campo dos estudos das performances negras; a inclusão de temas das culturas africanas, negro-brasileiras e diaspóricas nos concursos públicos para docentes na área das Artes Cênicas.

2. O processo Fanon

A partir do componente curricular Teatro da Diáspora Afrodescendente, ofertado ao curso de graduação em Teatro, foi elaborado e apresentado – como proposta do Departamento de Fundamentos para a Companhia de Teatro da UFBA – o projeto de montagem *Pele negra, máscaras brancas*, baseado na obra homônima do filósofo, político e psiquiatra Frantz Fanon (1975). Iniciamos o projeto com a realização do Seminário “Conversando com Fanon... primeiros passos!” em que, durante dois dias, artistas soteropolitanos e as/os estudantes ouviram e discutiram, com pesquisadores especialistas a poesia, a política e a psicologia contidas no livro publicado pela Edufba. Após o evento, fizemos a audição com os mais de noventa graduandos-atores inscritos e selecionamos dez deles para comporem o elenco do espetáculo. Durante três meses o “processo Fanon” se transformou de uma simples ideia em uma obra artística, envolvendo professores, técnicos, funcionários e estudantes da Escola de Teatro. E, enfim, o Teatro Martim Gonçalves abriu suas portas à comunidade soteropolitana em uma espécie de “prestação de contas” do seu “serviço artístico público” contra o racismo estrutural que a sociedade insiste em manter.

Abaixo, o texto de convocação pública nas redes sociais:

A Cia. de Teatro da UFBA abre audição para espetáculo *Pele negra, máscaras brancas*

Serviço

O quê: Audição *Pele negra, máscaras brancas*

Quando: 22, 23 e 24 de outubro de 2018 – das 09h às 12h

Onde: Sala 104, no PAF V (Ondina/UFBA)

Inscrições: www.etufba.com.br

A Cia. de Teatro da UFBA irá montar o espetáculo *Pele negra, máscaras brancas*, com dramaturgia de Aldri Anuniação e direção de Onisajé (Fernanda Júlia). O título é inspirado em obra homônima, do filósofo e psiquiatra Frantz Fanon (1952), que também é base para a dramaturgia e se constitui em leitura obrigatória para aqueles que lutam contra o racismo. Para montagem da peça, a Cia. realizará audição em que selecionará 9 artistas, entre atores e atrizes, profissionais e estudantes de Artes Cênicas e Bacharelado Interdisciplinar em Artes da UFBA.

O processo seletivo terá duas etapas. A primeira é a participação imprescindível no encontro *Primeiros Ensaios... conversando com Frantz Fanon*, que ocorrerá nos dias 4 e 5 de outubro de 2018, na UFBA (local a confirmar (*programação no site da Escola de Teatro da UFBA*)). O evento propõe uma ação crítica de reflexão e compreensão sobre o porquê da criação do espetáculo e a importância deste filósofo francês.

A segunda etapa da audição para *Pele Negra, Máscaras Brancas* ocorrerá nos dias 22, 23 e 24 de outubro de 2018, das 09h às 12h, na sala 104, no PAF V (Ondina/UFBA). Para se inscrever, para encontro e audição, os interessados devem acessar ao site da Escola de Teatro da UFBA (www.etufba.com.br). As inscrições são separadas e acontecerão até 03 de outubro de 2018.

Para a audição, ocorrerá uma pré-seleção a depender do número de inscritos, em que 30 artistas serão escolhidos. Os interessados em integrar o elenco do espetáculo terão que preencher formulário e produzir um vídeo curto de 2 minutos descrevendo trajetória/experiência e expectativas/interesses em participar do projeto. O resultado desta pré-seleção será divulgado no dia 18 de outubro de 2018, no site da Escola de Teatro.

Os ensaios acontecerão entre dezembro de 2018 e março de 2019, com encontros de segunda a sexta, no horário das 8h às 13h, na UFBA. A estreia acontecerá em março de 2019 seguindo em temporada até meados de abril de 2019, no Teatro Martim

Gonçalves. O seminário e audição são ações do 3º Fórum Negro das Artes Cênicas (FNAC), a ser realizado em março de 2019. Dúvidas e informações através do e-mail: dagenteproducoes@gmail.com.

O espetáculo ultrapassa os muros do campus da UFBA e inicia um exitoso circuito comercial no estado da Bahia. Após a apresentação no Teatro Castro Alves, em Salvador, ganha projeção nacional e começa pela cidade de São Paulo no início de 2020... Logo após o carnaval daquele ano, é decretado pela OMS o estado de emergência global provocado pela pandemia do vírus da COVID-19 interrompendo a carreira da produção.

O espetáculo passou a ser exibido via internet com o mesmo sucesso de público e era divulgado assim:

SOBRE O ESPETÁCULO

Em 18 de março de 2019, a Cia. de Teatro da Universidade Federal da Bahia estreou *Pele Negra, Máscaras Brancas* – primeiro espetáculo da Cia. encenado por uma diretora negra, Onisajé (Fernanda Júlia). A encenação, composta majoritariamente por negros e negras, traz uma adaptação da obra homônima de Frantz Fanon assinada por Aldri Anuniação. O elenco é formado por dez atuentes selecionados em audição: Akueran Neiji, Iago Gonçalves, Igor Nascimento, Juliette Nascimento, Manu Moraes, Matheus Cardoso, Matheuzza Xavier, Rafaella Tuxá, Thalia Anátalia, Victor Edvani. A ficha técnica traz ainda Licko Turle, professor visitante da UNIRIO, na co-direção; Thiago Romero e Tina Melo na direção de arte (cenário, figurino, maquiagem, adereços); Luciano Salvador Bahia, na direção musical; Edileusa dos Santos, na coreografia e preparação corporal; Nando Zâmbia, no desenho de luz; Joana Boccanera, na preparação vocal; e produção de Luiz Antônio Sena Jr., da DAGENTE Produções.

Enredo

Aldri Anuniação, dramaturgo do espetáculo, explica que *Pele negra, máscaras brancas* se baseia na tese homônima de Frantz Fanon e tem referências de “Os

condenados da Terra”, outra obra do mesmo autor. O primeiro livro apresenta a ferida da subjetividade negra; o segundo apresenta uma proposta de ação sobre essa subjetividade falhada ou estragada do negro pela colonialidade.

A montagem da Cia. de Teatro da UFBA é uma obra de ficção que se vale de quase todas as teorias e ainda traz personagens analisadas pelo psiquiatra e filósofo. O dramaturgo declara que a obra é distópica ao perpassar três períodos – 1950, 2019 e 2888 – para falar sobre como o processo de colonização construiu sofrimentos psicológicos em corpos negros.

Ao trazer essas três instâncias de tempo, que dialogam entre si a obra “tem um pessimismo ao pensar e repensar feridas provocadas pela colonialidade”. “É irônico também ao abordar um presente ultrapassado que traz feridas que persistem – racismo, rejeição às diversidades e outras subjetividades que podem se perpetuar caso não as enfrente”, comenta Anunciação.

A montagem traz o próprio Frantz Fanon como personagem no ano de 2019 defendendo novamente sua tese de doutorado, rejeitada pela banca examinadora no ano de 1950 – *Pele Negra, Máscaras Brancas*, obra que atualmente é referência mundial para discussão sobre o racismo. Dois artistas interpretam esta personagem, Victor Edvani – ator preto e cisgênero – e Matheuzza Xavier – atriz, transgênera e preta.

Além do próprio Fanon, a obra traz uma família formada por performance personagens-tese que vivem em 2888. Nesse tempo-espaço, essas personagens desenvolvem as perspectivas ocidentalizadas de futuro para o negro e estão enclausuradas em uma casa devido a personagem *Taiwo* ter ultrapassado os limites impostos pelo “Regime Único Mundial”.

Assim como *Taiwo* outras personagens da sua família já tinham sido infectadas em outros momentos pela “náusea do desejo de saber-ser” e invadiram a velha biblioteca que possui informações a respeito do processo africano pré-colonial. Manter esses livros/informações distantes do povo negro, que foi colonizado e vem tendo sua memória escondida e apagada, é uma forma de controle sobre os seus corpos.

Cores e vozes

Os corpos dos atores, que passaram por todo um processo de pesquisa – acadêmica, corporal e vocal, são por si discursos e lugares de fala. Ao perceber esta potência, o diretor musical Luciano Salvador Bahia definiu em conjunto com Onisajé colocá-los constantemente como fontes sonoras, transformando-as em coro. “Construímos uma trilha com cara de ‘ficção científica’, em que misturamos atmosferas eletrônico-futuristas com percussão afro-brasileira”, reforça Bahia, que contou com a preparação vocal de Joana Boccanera, que trabalhou os corpos dos atores para uma boa projeção, dicção e canto.

Nesse brincar de elementos futuristas para falar sobre a tomada de consciência da negritude a partir do passado, a visualidade – cenário, figurino e maquiagem – criada por Thiago Romero e Tina Melo reforça a discussão trazida na peça, com desenhos que misturam conceitos de Afrofuturismo e alta-costura. Romero descreve ainda que o figurino é formado com peças que se desdobram e mudam de cor, num diálogo com a luz criada por Nando Zâmbia.

Corpos negros

Pele negra, máscaras brancas traz uma equipe formado por artistas pretos e pretas, o que para a encenadora Onisajé é muito importante e significativo por uma questão da ampliação de narrativas. Esta conquista é uma reivindicação dos estudantes negros da graduação, da mobilização de artistas pretos engajados dentro da Escola de Teatro da UFBA e a realização do Fórum Negro de Arte e Cultura, que contribuiu para que esse momento chegasse.

Onisajé ressalta que, como encenadora, estar dirigindo esse espetáculo é um espaço importante de afirmação, de poderar e empoderar o povo preto. “A fala de uma encenadora mulher, negra, lésbica, do interior do estado, de periferia, que fez parte e faz dessa universidade – graduação, mestrado e agora doutorado – afirma e comprova a necessidade de colocar as nossas questões em todos os espaços”, conclui.

Histórico

O espetáculo realizou sua temporada de estreia entre março e abril de 2019, no Teatro Martim Gonçalves, em Salvador-BA, revelando-se um sucesso de público e crítica. Em julho, é apresentado no palco principal do Teatro Castro Alves, através do

projeto Domingo no TCA, em sessão dupla, sendo assistido por mais de 3.000 pessoas em apenas um dia. Entre setembro e outubro do mesmo ano, realiza duas temporadas seguidas em Salvador-BA, primeiro no Centro Cultural da Barroquinha e depois Teatro do Goethe-Institut (ICBA). Paralelamente é apresentado na cidade de Alagoinhas, integrando a programação da VIII Semana de Arte e Cultura do Litoral Norte e Agreste Baiano; integra o FIAC – Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia, e, posteriormente, a Virada Sustentável, ambos eventos acontecidos na capital baiana. Em novembro, realiza uma ocupação envolvendo os Espaços Culturais Boca de Brasa Subúrbio 360º, CEU de Valéria e do Centro, numa parceria com a Fundação Gregório de Mattos, da Prefeitura de Salvador.

No ano de 2020, realiza temporada de apresentações no SESC Belenzinho, em São Paulo-SP, repetindo o sucesso de público da Bahia. Ainda, integra o Congresso Virtual da UFBA, tendo seu registro apresentado virtualmente atingindo mais de 13 mil pessoas, configurando-se como uma das cinco atividades mais vistas do evento. Nesse universo virtual, o espetáculo é exibido em comemoração ao aniversário da Escola de Teatro da UFBA (junho de 2020), atingindo quase 3 mil pessoas. Por fim, o espetáculo é indicado ao Prêmio Braskem de Teatro em três categorias: Melhor Espetáculo Adulto, Melhor Direção e Revelação (para Matheuzza) e ao Prêmio Cenym, nas categorias Melhor Elenco, Melhor Direção e Melhor Qualidade Artística. Em novembro do mesmo ano, participa do Festival de Teatro Negro On Line da UFMG tendo seu registro audiovisual exibido, realiza sua primeira temporada virtual.

Em 2021, a obra integra a programação da 27ª edição do Festival Janeiro de Grandes Espetáculos, realizado virtualmente a partir de Recife (PE); do Catálogo Brasileiro de Teatro que ganha versão virtual em seu 21º ano; da I Semana de Filosofia da UNEB realizada de modo digital; do VI FESTA – Festival de Artes de Alagoinhas; do II Colóquio Latino-Americano sobre Insurgências Decoloniais, Psicologia e os Povos Tradicionais, realizado no modo online; do projeto Cenas do Nordeste – 2ª edição, promovido por artistas potiguares através da Lei Aldir Blanc.

3. Pele Negra – Escola de Teatro(s) Preto(s)

O projeto nasceu na disciplina Teatro da Diáspora Afrodescendente ministrada por mim e pela Prof.^a Dr.^a Onisajé no primeiro semestre de 2018 na Escola de Teatro da UFBA, onde criamos as entrevistas cênicas convidando, a cada semana, um profissional preto que atuasse com um elemento da semiologia teatral. Após o seminário “Conversando com FANON”, a audição para seleção de elenco e três meses de ensaios diários, o texto de Aldri Anuniação estreou na abertura do Fórum Negro de Artes Cênicas, em abril de 2019, no Teatro Martim Gonçalves, Salvador-BA.

Devido ao êxito do trabalho, cresceu a demanda por uma “escola de teatro negro” em Salvador, onde pudéssemos compartilhar não só os procedimentos adotados em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, bem como pudéssemos integrar convidados e convidadas que desenvolvem diferentes poéticas e pesquisas acadêmicas relacionadas com o teatro negro, como Gustavo Melo Cerqueira, Juliana Monique e Dani Souza.

Em face à pandemia do novo Coronavírus e decorrente isolamento social, resolvemos dar início à nossa Escola de Teatro Preto através da internet, gratuitamente, com o primeiro curso teórico Estudos em Teatro Negro a partir do dia 5 de maio de 2020, às 14h.

Atualmente, a escola se apresenta assim:

A Pele Negra – Escola de Teatros Pretos é um coletivo que reúne professores, artistas e pesquisadores de teatro e dança negras que realizaram o espetáculo *Pele negra, máscaras brancas* (a segunda montagem da Companhia de Teatro da UFBA exclusivamente com elenco e técnica totalmente negra. A primeira, foi *Gusmão – o Anjo Negro e sua Legião*, a partir das discussões e proposições do I Fórum Negro de Artes Cênicas organizado por estudantes da Escola de Teatro na luta pela igualdade racial na universidade. Participam também professores, artistas e pesquisadores que se aproximaram pela afinidade com as ações propostas pelo coletivo.

Devido ao afastamento físico provocado pela pande-

mia da Covid-19 e às violências sofridas pelos corpos negros durante a mesma, a *Pele Negra* – Escola de Teatro(s) Preto(s) antecipou sua inauguração da sede física e realizou, nos meses de abril, maio e junho de 2020, o primeiro módulo do curso Estudos em Teatro Negro com o objetivo de contribuir na manutenção da saúde mental das pessoas negras em diálogo com as produções acadêmicas e o desenvolvimento científico sobre as artes do corpo nesta modalidade teatral, todos os módulos foram realizados em parceria com a Escola de Teatro da UFBA, mas a partir do quarto tivemos luxuosas parcerias com a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, no quinto com Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Campus Diamantina e em 2023 sexto com o Célia Helena Centro de Artes e Educação. Parcerias estas que demonstram nosso compromisso em dialogar e capilarizar os debates sobre artes negras no Brasil, entendendo a sua diversidade e colaborando com estas instituições no combate ao racismo estrutural.

Módulo I – Apresentação de diferentes perspectivas e abordagens teóricas sobre o estudo e a prática do Teatro Negro, Produção e a Performance Negra. Foram 32 aulas-conferência on-line proferidas por artistas, pesquisadores, docentes, técnicos e técnicas convidados do Brasil e do exterior transmitidas para mais de 2500 inscritos pelo canal do curso na plataforma do YouTube. Foram utilizados outros recursos das novas TDICs-Tecnologias de Dados da Informação e Comunicação onde os materiais didático-pedagógicos e as referências bibliográficas de cada encontro foram depositadas nas salas-de-aula virtuais, onde tanto estudantes quanto professores puderam acessar e dar continuidade aos seus estudos e pesquisas.

MÓDULO II- Focado no Espetáculo Negro, tendo como eixo temático o espetáculo e seus procedimentos artísticos como pedagogias do ensino do teatro. Assim fazemos por entendermos que a produção de um espetáculo teatral (desde a elaboração do seu projeto, passando pela seleção de elenco, definição de texto ou tema, encenação, técnicas, apresentações públicas e desprodução) pode ser sistematizada como um percurso de produção de conhecimentos

tanto teóricos quanto práticos, além de contribuir para a criação de novas tecnologias, contou com dez encontros de duas horas cada, em que artistas entrevistaram artistas sobre o processo de construção e desconstrução de seus espetáculos, dificuldades, desafios e apontamentos do teatro negro no Brasil.

MÓDULO III – promoveu uma série de encontros com artistas, pesquisadores e performers sobre o tema Performance Negra. Este módulo tem como ponto de partida o levantamento de entendimentos sobre o que é Performance: estudos da presença, expressão negra, modos de fazer negros, estratégias de resistência e celebração críticas através do corpo, produção de acontecimentos que friccionam e instauram novas experiências, comportamentos restaurados. A partir disso, conhecemos os trabalhos de artistas do corpo e da presença, com obras que passam as artes visuais, a dança, o audiovisual e a cena

MÓDULO IV – com o tema: Biografias Cênicas Negras focou nas personalidades negras que tiveram suas histórias representadas no teatro, tendo como eixo temático o espetáculo e seus procedimentos artísticos como a pesquisa histórica pautados nas performances da experiência. Assim fazemos por entendermos que o espetáculo teatral (desde a elaboração do seu projeto, passando pela seleção de elenco, definição de texto ou tema, encenação, técnicas, apresentações públicas e pós-produção) pode ser sistematizado como um meio de recuperação e restauração da memória histórica afro-brasileira, além de contribuir para a criação de novas tecnologias, onde artistas entrevistaram outros artistas sobre o processo de construção e desconstrução de seus personagens, dificuldades, desafios e apontamentos sobre o teatro negro no Brasil.

MÓDULO V – Ancestralidades Míticas – apresentações e representações, realizadas em parceria com o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) – Campus Diamantina e têm como tema central espetáculos de Performance, Dança e Teatro que tenham como mote as Divindades (Inkisses, Voduns e Orixás) Encantados (Caboclos e Caboclas) e Entidades ou Ancestrais urbanos

(Pretas e Pretos Velhos, Padilhas, Pomba-giras, Seu Zé Pelintra, Seu Tranca Rua) que configuram a nossa Ancestralidade Mítica Negra contou com a participação de atuantes, diretores e dramaturgues que encenaram este tema em suas montagens teatrais, e com a parceria da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – Brasília.

MÓDULO VI – Estudos em Teatro Negro, com o tema Produção Cultural Preta, com propósito de dialogar sobre a produção cultural construída e executada por pessoas pretas, como forma de delimitar um modelo próprio de produção de artes cênicas que tem como escopo valores afrocentrados e busca reativar a humanidade coletiva através da ancestralidade, comunidade e trabalho, resultando em teatro (s) negro (s). Assim serão traçados diálogos que promovam compreensões, estratégias e técnicas de produção a partir do nosso marco civilizatório, buscando a sustentabilidade e continuidade de nossas artes. Para o desenvolvimento deste módulo contaremos com a parceria do Célia Helena Centro de Artes e Educação – São Paulo e da Universidade Federal da Bahia.

Todas as aulas dos módulos dos Estudos em Teatro Negro estão disponíveis, gratuitamente, no canal da escola no YouTube.

4. Denúncias e anúncios de um mundo inacabado

O Teatro Negro é comprometido com a sobrevivência e a existência do povo preto. O Teatro Negro é educador porque ao encenar os conflitos e os desejos das pessoas pretas, permite à comunidade a análise das dinâmicas do racismo estrutural e o ensaio de estratégias de luta e a prática da liberdade, mesmo que em ficção!

O Teatro Negro é, simultaneamente, denúncia e anúncio! Explico. Quando um corpo preto adentra em qualquer espaço cênico e é observado pelo público, obrigatoriamente, a denúncia da escravidão, da discriminação racial, da desumanização e do genocídio do povo preto sofridas, diariamen-

te, há séculos, se faz – uma vez que está inscrita e escrita na pele negra! Não é possível, dela, desviar o olhar e, quando esse mesmo corpo, nesse mesmo tempo-espaço estético, começa a performar... o anúncio acontece! Anúncio da potência, da possibilidade, da rehumanização. É o futuro se materializando à frente da espectadora, do espectador!

Em uma sociedade onde marcadores sociais de raça, classe e gênero ainda definem a condição social de um ser humano, a cosmovisão masculina-branca-européia-heteronormativa-que-exclui-as-culturas-populares irá predominar, produzindo, também, um teatro de dramaturgia-branca-masculina-heteronormativa-europeia-que-exclui-as-culturas-populares cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências. A dramaturgia dominante é a dramaturgia das classes dominantes.

Augusto Boal afirma que o teatro, tal qual nós conhecemos, “se habituou a impor visões acabadas do mundo” (BOAL, 1975, p. 29) ..., mas, qual mundo? O mundo pronto e acabado das pessoas ligadas à classe dominante! Imagens estéticas da sua ética. Para Shakespeare, o teatro é o espelho que reflete a sociedade, reflexo esse em que o corpo negro é somente a moldura que fica no entorno periférico do centro do poder. Nas imagens desse mundo acabado da classe dominante, o corpo negro tem a mesma função cênica de um cenário, adereço ou uma engrenagem repetitiva de movimentos que mantém a máquina de um sistema colonial que teve como base econômica a escravidão.

Sabemos que o meio de produção do teatro é o corpo humano que, uma vez escravizado, fica a serviço da classe dominante. Lutar para se reapropriar do corpo preto, e produzir sua dramaturgia como autor e protagonista da própria história é fundamental. Mas como fazer isso, se os corpos do homem e da mulher negra não são ainda livres? Não mais... mas, ainda não! foi a expressão utilizada por Gustavo Mello em sua palestra nos Estudos em Teatro Negro, via internet, para definir esse corpo em suspensão... Ou seja, não somos mais escravos ..., mas ainda não estamos livres! Não queremos mais ser corpos-espectadores... mas, ainda não

somos corpos-protagonistas! Daí, a necessidade de que os espetáculos de TN tenham como principal objetivo libertar esse corpo/ espectador e transformá-lo em corpo/ ator/ protagonista da sua cena/ vida em um mundo negro.

Mas, como é o mundo negro? Quais são suas leis, regras, contrato social, ética? O que quer o homem preto? O que quer a mulher preta? *That's the question!*

O teatro ortodoxo burguês sempre irá refletir (e reproduzir) uma sociedade branca (e os seus dramas) que ajudou a construir. Por isso, apresentar imagens consolidadas de um mundo completo, terminado, criado por ele. Já os TN, ao contrário, não sabem ainda qual mundo espelhar, porque o mundo preto nunca existiu. Consequentemente, o seu teatro será ensaio-de-um-possível-mundo-preto. Os espetáculos são inacabados porque o mundo negro não está pronto! E isso é fundamental porque permitirá que se complete na cabeça do espectador nas dimensões da memória e da imaginação. Os TN contemporâneos apresentam imagens de trânsito do Real para o Ideal. E, refletindo essas imagens de transição! É teatro-trânsito! Ensaio para seu mundo que virá!

Não são obras mal-acabadas esteticamente, mas, sim, novas poéticas que constroem suas estéticas, a partir da sua ética. Daí, os/ as realizadoras dos TN experimentam, experienciam, ensaiam e mostram um mundo preto que, por nunca ter existido, inevitavelmente, estará imaginado, principalmente quando apresentado em espaços teatrais convencionais à italiana, elisabetano etc. edificadas para a cena branca.

E esses TN vêm atraindo cada vez mais as pessoas pretas para os teatros porque, neles, se reconhecem, se veem representados; identificam os códigos negros contidos na linguagem teatral

e com isso, conseguem decodificar os discursos inseridos, estabelecendo, rapidamente, a empatia crítica e consciente para refletir sobre sua realidade, seu passado, seu presente... e seu possível futuro!

Referências

- BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- FANON, F. **Peau noir, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- MARTINS, L. M. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MEIRELLES, M.; BANDO DE TEATRO DO OLODUM. **Trilogia do Pelô**. Salvador: Olodum, 1995.
- MELLO, G.; BAIROS, L. (orgs.). **I Fórum Nacional de Performance Negra**. Salvador: Cia. dos Comuns/ Bando de Teatro do Olodum/ Teatro Vila Velha, 2009a.
- MELLO, G.; BAIROS, L. (orgs.). **II Fórum Nacional de Performance Negra**. Salvador: Cia. dos Comuns/ Bando de Teatro Olodum/ Teatro Vila Velha, 2009b.
- MENDES, M. G. **A personagem negra no teatro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1982.
- MENDES, M. G. **O negro e o teatro brasileiro (entre 1889 e 1888)**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Arte e Cultura; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.
- NASCIMENTO, A. **Drama para negros e prólogo para brancos**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.
- PÁDOVA, R. M. **Pela porta de serviço da cultura: negro e performance na televisão brasileira**. Rio de Janeiro: PUC/ RJ, 2003.

Notas

- 1 EDITAL CONTRATAÇÃO DE PROFESSOR VISITANTE 2017-2018, [...] 2. Das Vagas [...]. Tendo em vista a busca da diversidade, recomenda-se que os Programas de Pós-Graduação estimulem a indicação de Professores autodeclarados negros (pretos ou pardos, segundo o IBGE), bem como incentivem a candidatura feminina, especialmente em áreas em que a proporção de docentes mulheres seja menor [...]. Disponível em: <www.propg.ufba.br/abril/q2017>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- 2 O Fórum Nacional de Performance Negra, criado pelos grupos Bando de Teatro do Olodum/BA e Cia. dos Comuns/RJ, é uma associação que reúne representantes da expressão artística negra brasileira como grupos, artistas, intelectuais, pesquisadores e militantes negros. Até o momento, foram realizadas quatro edições na cidade de Salvador (2005, 2006, 2010 e 2015). Cf. Mello e Bairos, 2009b.

Recebido em 11 de maio de 2023.

Aprovado em 1 de junho de 2023.

Publicado em 14 de agosto de 2023.